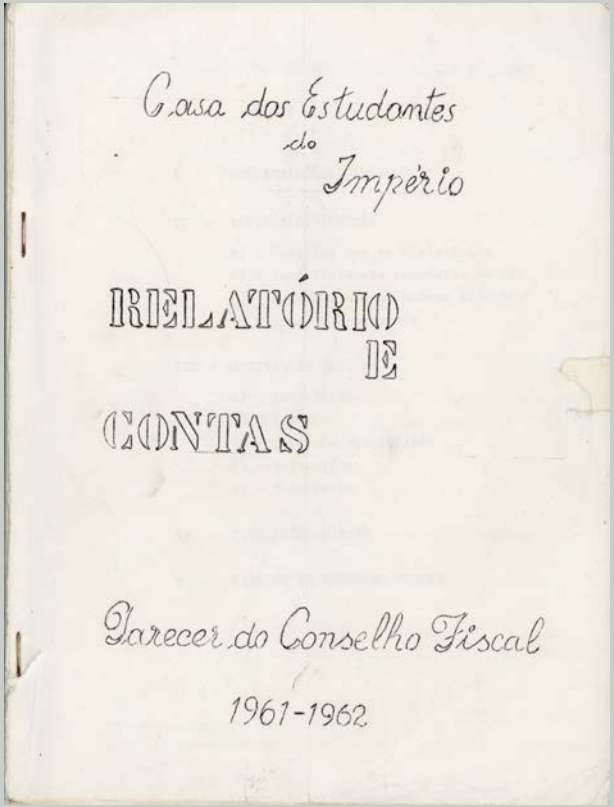
"Operação Angola" – A Grande Fuga

Junho, 1961

Com o começo das operações militares em Angola no início de 1961, muitos estudantes das então colónias procuram abandonar Portugal para se juntar aos movimentos de libertação nacional nos seus países ou no exílio.

Sócios da Casa dos Estudantes do Império.

Organizados em torno da Casa dos Estudantes do Império, mas também do Movimento Anti-Colonial, do Movimento de Estudantes Angolanos ou do Clube Marítimo Africano, muitos estudantes viam-se acossados pela PIDE e temiam a incorporação no exército colonial.



Em 1961 cerca de cem estudantes africanos, já em contacto com os movimentos de libertação, abandonam legal e/ou clandestinamente a metrópole. Muitos virão a desempenhar papéis destacados na direção política e militar, nas lutas de libertação nacionais e depois das independências.

Embarque de tropas para o Ultramar.

Casa dos Estudantes do Império, "Relatório e Contas".

Frankfurt/Main, 1
Bockenheimer Ldstr 135
Studentenwohnheim
Deutschland.

Presado amigo
Amilcar

Recebi tua carta que muito me alegrou pela tua compreensão. Presentemente encontro-me em Frankfurt com objectivos de melhorar a situação e esperando encontrar bases solidas para poder fazer algo de positivo.

Do Neto sabemos apenas que ele se encontra em situação desagradável. e estamos tendo as possibilidades de arranjá-lo daqui logo.

A Ruth e a Maria Luisa, que por enquanto se encontram em Lüdenscheid, espero conseguir que elas possam para cá.

Recebi alguns jornais de Leisboa. Coitados eles já não sabem o que hão-de fazer, todavia a nossa responsabilidade é grande e isto é apenas o começo.

Espero que o grupo angolano na Alemanha possa cumprir com dignidade a tarefa que nos compete para a independência do povo sob dominação portuguesa.

Agradeço que para Leisboa ou colónias portuguesas não deixem o meu endereço de Frankfurt. mas sim o de Lüdenscheid.

Por enquanto não tenho mais nada a especial para dizer. Alguma coisa que precisarem. estou pois agradeço que me escrevam dizendo que o meu serviços te possam ser uteis.

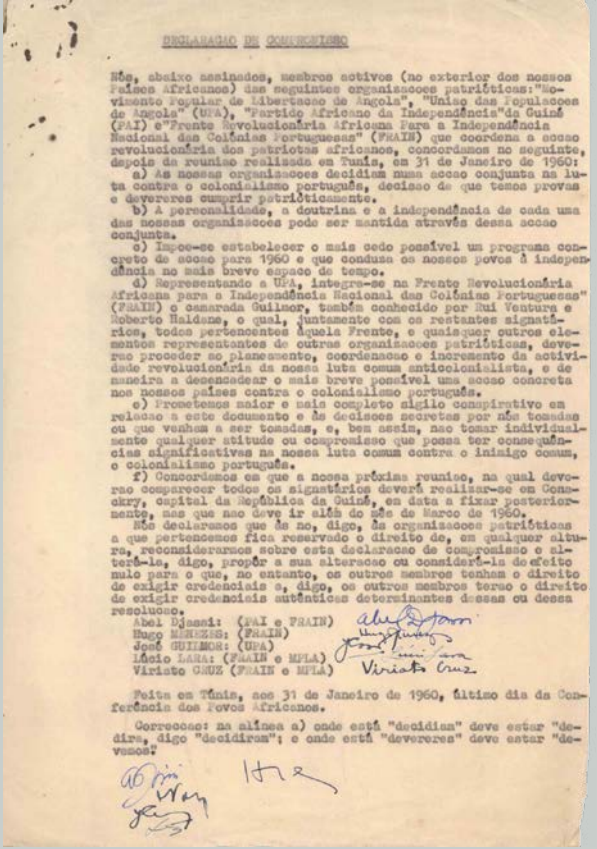
Cumprimentos para a tua familia e recebe um forte abraço do amigo

Desidério

Após a saída de alguns nacionalistas, como Agostinho Neto e Lúcio Lara, no fim da década de 50, e de um pequeno grupo, integrando sobretudo angolanos ligados ao MPLA, em direção à Alemanha e à Suíça já em 1960, era necessário organizar a fuga maciça de outros estudantes.

Carta de Desidério Costa, um dos primeiros elementos a abandonar Portugal rumo à Alemanha.

António Agostinho Neto, arq. PIDE, IAN/TT.



DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

Nós, abaixo assinados, membros activos (no exterior dos nossos Países Africanos) das seguintes organizações patrióticas: "Movimento Popular de Libertação de Angola", "União das Populações de Angola" (UPA), "Partido Africano da Independência" da Guiné (PAI) e "Frente Revolucionária Africana Para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas" (FRAIN) que coordena a nossa revolucionária dos patriotas africanos, concordamos no seguinte, depois da reunião realizada em Tunis, em 31 de Janeiro de 1960:

a) As nossas organizações decidiam numa acção conjunta na luta contra o colonialismo português, decisão de que temos provas e devereres cumprir patrióticamente.

b) A personalidade, a doutrina e a independência de cada uma das nossas organizações pode ser mantida através dessa acção conjunta.

c) Impõe-se estabelecer o mais cedo possível um programa concreto de acção para 1960 e que conduza os nossos povos à independência no mais breve espaço de tempo.

d) Representando a UPA, integra-se na Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas" (FRAIN) o camarada Guilmor, também conhecido por Rui Ventura e Roberto Holden, o qual, juntamente com os restantes signatários, todos pertencentes àquela Frente, e quaisquer outros elementos representantes de outras organizações patrióticas, deverão proceder ao planeamento, coordenação e incremento da actividade revolucionária da nossa luta comum anticolonialista, e de maneira a desencadear o mais breve possível uma acção concreta nos nossos países contra o colonialismo português.

e) Presentemos maior e mais completo sigilo conspirativo em relação a este documento e às decisões secretas por nós tomadas ou que venham a ser tomadas, e, bem assim, não tomar individualmente qualquer atitude ou compromisso que possa ter consequências significativas na nossa luta comum contra o inimigo comum, o colonialismo português.

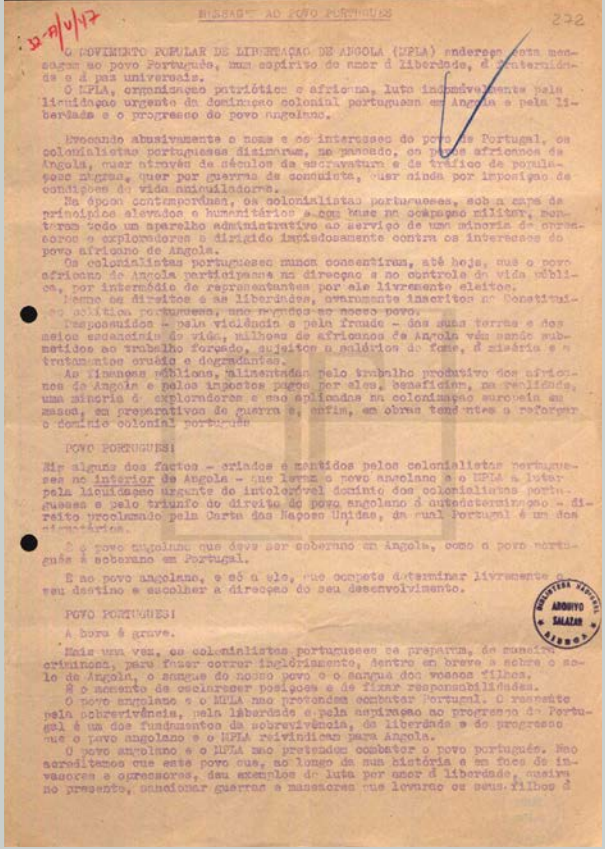
f) Concordamos em que a nossa próxima reunião, na qual deverão comparecer todos os signatários deverá realizar-se em Conakry, capital da República da Guiné, em data a fixar posteriormente, mas que não deve ir além do mês de Março de 1960.

Não declaramos que de nós, digo, das organizações patrióticas a que pertencemos fica reservado o direito de, em qualquer altura, reconsiderarmos sobre esta declaração de compromisso e alterá-la, digo, propôr a sua alteração ou considerá-la de efeito nulo para o que, no entanto, os outros membros tenham o direito de exigir credenciais e, digo, os outros membros terão o direito de exigir credenciais autênticas determinantes dessas ou dessa resolução.

Abel Djassi: (PAI e FRAIN)
Hugo MENEZES: (FRAIN)
José GUILMOR: (UPA)
Lúcio LARA: (FRAIN e MPLA)
Viriato CRUZ (FRAIN e MPLA)

Feita em Tunis, aos 31 de Janeiro de 1960, último dia da Conferência dos Povos Africanos.

Correcções: na alínea a) onde está "decidiam" deve estar "decidira, digo "decidiram"; e onde está "devereres" deve estar "devemos".



MENSAGEM AO POVO PORTUGUÊS

O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) endereça esta mensagem ao povo Português, num espírito de amor à liberdade, à fraternidade e à paz universais.

O MPLA, organização patriótica e africana, luta indefectivelmente pela liquidação urgente da dominação colonial portuguesa em Angola e pela liberdade e o progresso do povo angolano.

Evocando abusivamente o nome e os interesses do povo de Portugal, os colonialistas portugueses disfarçam, na verdade, os seus crimes africanos de Angola, quer através de séculos de escravatura e de tráfico de populações negras, quer por guerras de conquista, quer ainda por imposição de condições de vida aniquiladoras.

Na época contemporânea, os colonialistas portugueses, sob a capa de princípios elevados e humanitários e com base no compasso militar, montaram todo um aparelho administrativo ao serviço de uma minoria de exploradores e dirigido implacavelmente contra os interesses do povo africano de Angola.

Os colonialistas portugueses nunca consentiram, até hoje, que o povo africano de Angola participasse na direcção e no controle de vida pública, por intermédio de representantes por ele livremente eleitos.

Nem os direitos e as liberdades, ovamente inscritos na Constituição política portuguesa, nunca vingaram no nosso povo.

Espezinhados - pela violência e pela fraude - dos seus terras e dos seus escassos bens de vida, milhares de africanos de Angola vêm sendo submetidos ao trabalho forçado, sujeitos a salários de fome, à miséria e a tratamentos cruéis e degradantes.

As finanças públicas, alimentadas pelo trabalho produtivo dos africanos de Angola e pelos impostos pagos por eles, beneficiam, na realidade, uma minoria de exploradores e são aplicadas na colonização europeia em massa, em preparativos de guerra e, enfim, em obras tendentes a reforçar o domínio colonial português.

POVO PORTUGUÊS!

Eis alguns dos factos - criados e mantidos pelos colonialistas portugueses no interior de Angola - que levam o povo angolano e o MPLA a lutar pela liquidação urgente do intolerável domínio dos colonialistas portugueses e pelo triunfo do direito do povo angolano à autodeterminação e direito proclamado pela Carta das Nações Unidas, da qual Portugal é um dos signatários.

O povo angolano que deve ser soberano em Angola, como o povo português é soberano em Portugal.

E ao povo angolano, e só a ele, que compete determinar livremente o seu destino e escolher a direcção do seu desenvolvimento.

POVO PORTUGUÊS!

A hora é grave.

Mais uma vez, os colonialistas portugueses se preparam, de maneira criminosa, para fazer correr ingloriamente, dentro em breve a sobre o solo de Angola, o sangue do nosso povo e o sangue dos vossos filhos.

É o momento de esclarecer posições e de fixar responsabilidades.

O povo angolano e o MPLA não pretendem combater Portugal. O presente pela sobrevivência, pela liberdade e pela aproximação ao progresso de Portugal é um dos fundamentos da sobrevivência, da liberdade e do progresso que o povo angolano e o MPLA reivindicam para Angola.

O povo angolano e o MPLA não pretendem combater o povo português. Não acreditamos que este povo que, ao longo da sua história e em face de invasores e opressores, deu exemplos de luta por amor à liberdade, possa no presente, canalizar guerras e massacres que levarão os seus filhos à

ARQUIVO SALAZAR

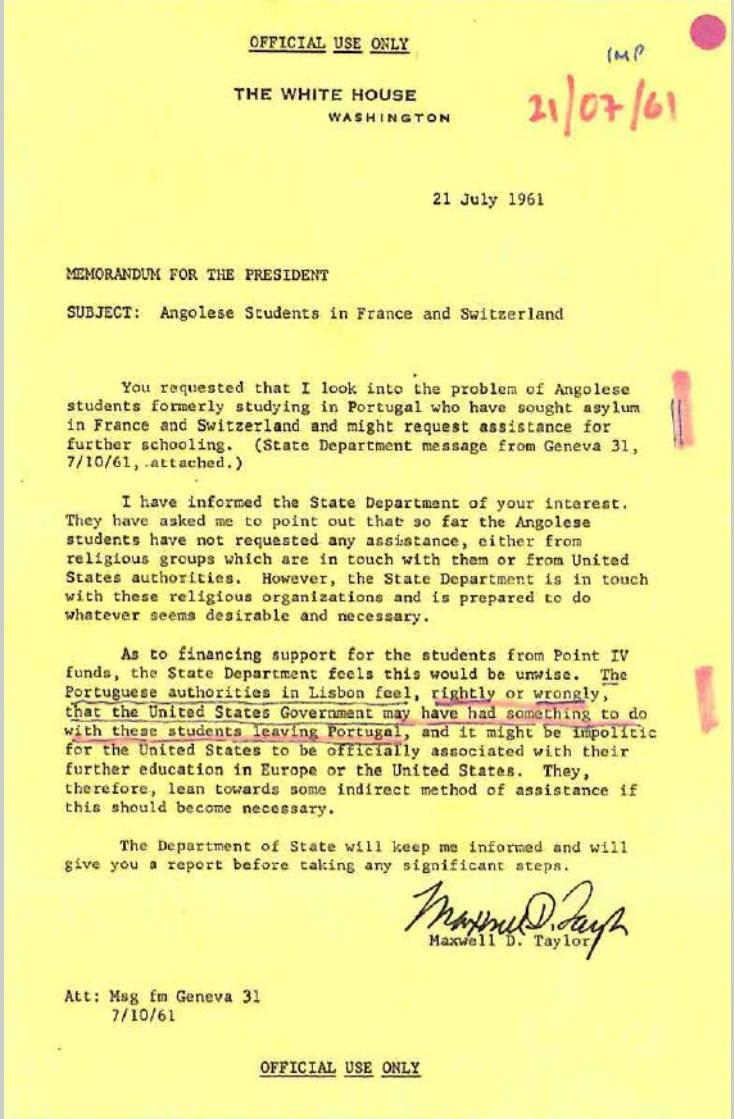
Um núcleo, maioritariamente angolano, integrando estudantes de religião protestante, simpatizantes da UPA/FNLA e do MPLA, recorrerá ao bispo metodista Melvin Blake e ao Conselho Mundial das Igrejas, para a preparação da fuga.

Declaração de compromisso entre o MPLA, a UPA, o PAI e a FRAIN para o desenvolvimento de uma acção conjunta na luta contra o colonialismo português. Janeiro 1960.

Mensagem do MPLA ao Povo Português, Junho de 1960.

Em maio o Conselho Mundial das Igrejas estabelece contacto com a CIMADE (Comité Inter – Mouvement auprès des Évacués), organização francesa de apoio a refugiados, que organizará a fuga em junho de 1961. A "operação Angola" é secretamente preparada ao longo de maio. Angariam-se viaturas, condutores e passaportes que chegam do Senegal, Gabão e Níger.

Elementos da CIMADE, entre eles Jacques Beaumont.



OFFICIAL USE ONLY

IMP

THE WHITE HOUSE
WASHINGTON

21/07/61

21 July 1961

MEMORANDUM FOR THE PRESIDENT

SUBJECT: Angolese Students in France and Switzerland

You requested that I look into the problem of Angolese students formerly studying in Portugal who have sought asylum in France and Switzerland and might request assistance for further schooling. (State Department message from Geneva 31, 7/10/61, attached.)

I have informed the State Department of your interest. They have asked me to point out that so far the Angolese students have not requested any assistance, either from religious groups which are in touch with them or from United States authorities. However, the State Department is in touch with these religious organizations and is prepared to do whatever seems desirable and necessary.

As to financing support for the students from Point IV funds, the State Department feels this would be unwise. The Portuguese authorities in Lisbon feel, rightly or wrongly, that the United States Government may have had something to do with these students leaving Portugal, and it might be impolitic for the United States to be officially associated with their further education in Europe or the United States. They, therefore, lean towards some indirect method of assistance if this should become necessary.

The Department of State will keep me informed and will give you a report before taking any significant steps.

Maxwell D. Taylor

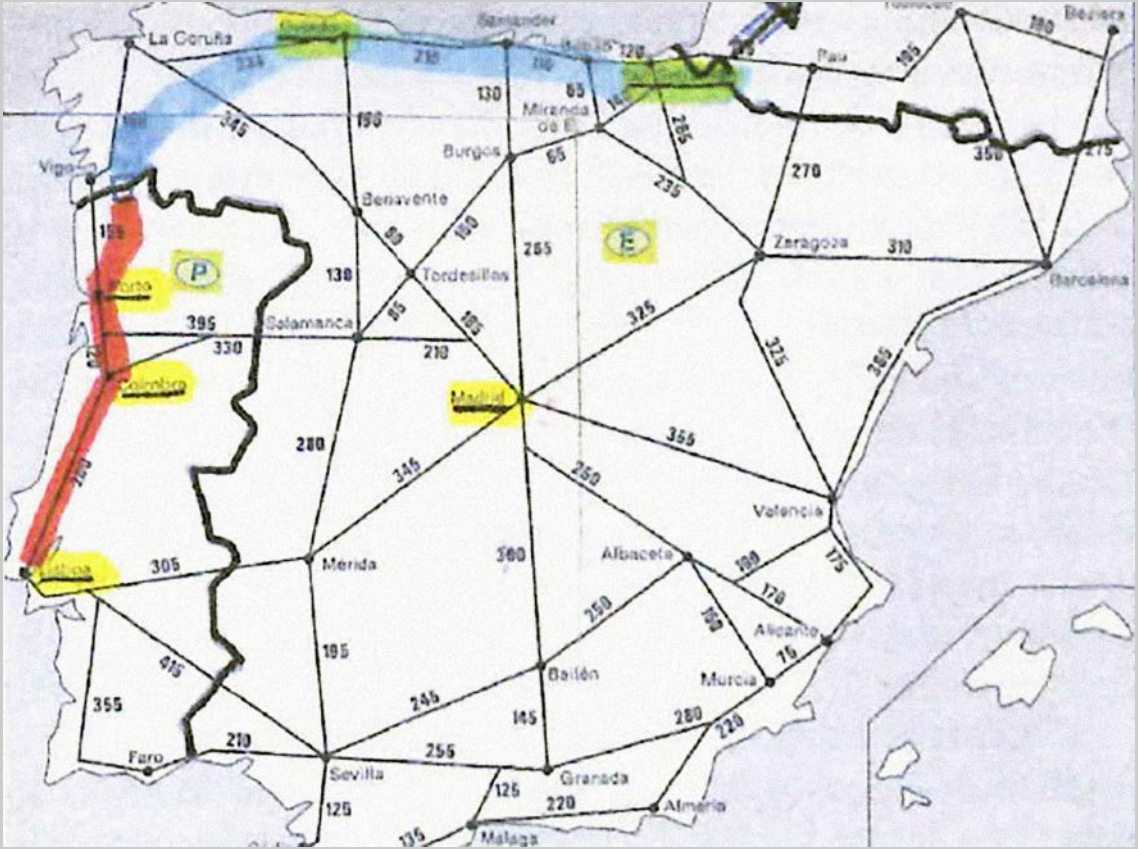
Maxwell D. Taylor

Att: Msg fm Geneva 31
7/10/61

OFFICIAL USE ONLY

A 14 de junho Jacques Beaumont e Charles Harper, da CIMADE, chegam a Lisboa para preparar a fuga. O governo norte-americano e, sobretudo, o francês têm conhecimento tácito da operação. Secretamente, comprometem-se a apoiar, em caso de necessidade, a entrada dos fugitivos em França. Também a CIA terá dado apoio ao êxodo.

Memorando sobre os estudantes angolanos em França e na Suíça, julho 1961.



Sessenta estudantes, divididos em dois grupos (de dezanove e de quarenta e um), empreenderão a fuga em junho de 1961, numa audaz travessia da fronteira com Espanha tendo como destinos França e Suíça.

Trajeto da fuga.

O primeiro grupo de dezanove estudantes passa a fronteira luso-espanhola a 16 de junho. Atravessa a Espanha franquista em automóveis alugados, chegando a França a 20 de junho, sem incidentes.

Fuga dos primeiros 19 elementos em Espanha.

Mais problemática foi a fuga dos restantes quarenta e um que partem a 23 de Junho para Espanha, divididos em vários grupos. Com a ajuda de um contrabandista atravessam o rio Minho para a margem espanhola.

João Vieira Lopes, presidente da CEI em 1958, membro do grupo dos 41.

Fuga do grupo de 41 estudantes.

Sèvres, 8 de Agosto de 1961

Excelentíssimo Senhor
Secretário Geral do
Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
Conakry

Por intermédio de V. Ex.ª,
dirijo ao Partido que combate a
luta dos povos guineense e cabo-
verdiano para a sua independên-
cia o testemunho da minha sim-
patia e solidariedade.

Encontro-me em Sèvres,
desde o dia 3/7/61, integrado
no grupo de 41 estudantes afri-
canos fugitivos de Portugal e exi-
lados em França. Poucos dias após
a minha chegada, entrei em
contacto com a militante Dulce
Almeida, a quem dei a conhecer o
meu desejo de colaborar com

Já em Espanha são presos na fronteira com a França, a 30 de junho. Serão libertados no dia seguinte, após *démarches* junto da diplomacia norte-americana e espanhola.

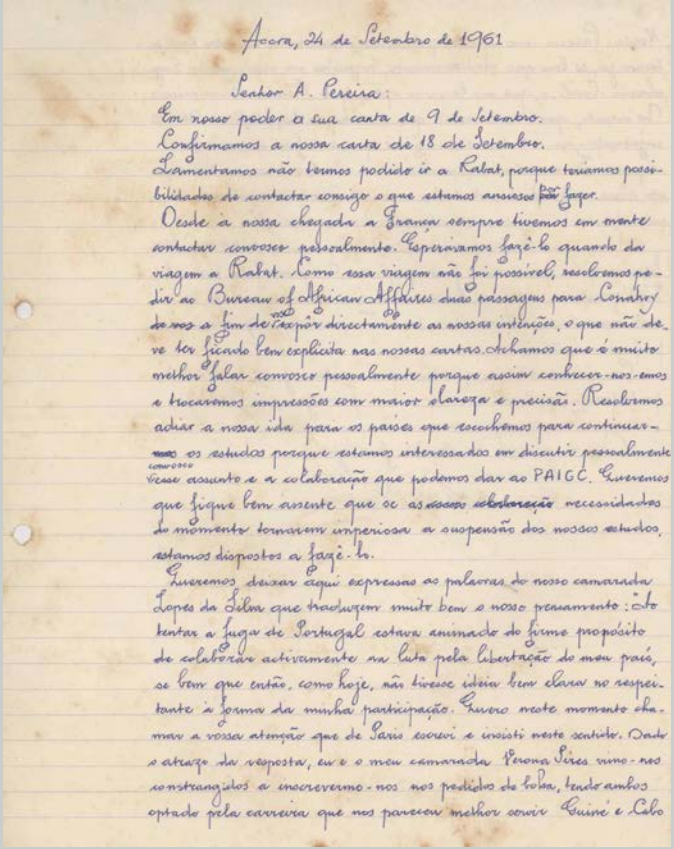
Carta de Osvaldo Lopes da Silva para Amílcar Cabral, informando que se encontra em Sèvres.

Elementos do grupo dos 41 já em território francês.

Grupo de elementos da fuga no Gana.

Estudantes do Grupo dos 41 com um dos elementos que apoiou a fuga.

Carta de Pedro Verona Pires e Osvaldo Lopes da Silva a Aristides Pereira. Participantes na fuga, no Gana, manifestando a sua vontade de colaboração com o PAIGC, setembro 1961.



Accra, 24 de Setembro de 1961

Senhor A. Pereira:

Em nosso poder a sua carta de 9 de Setembro.
Confirmamos a nossa carta de 18 de Setembro.
Lamentamos não termos podido ir a Rabat, porque teríamos possibilidades de contactar consigo o que estamos ansiosos por fazer.
Desde a nossa chegada a França sempre tivemos em mente contactar convosco pessoalmente. Esperávamos fazê-lo quando da viagem a Rabat. Como essa viagem não foi possível, resolvemos pedir ao Bureau of African Affaires duas passagens para Conakry ~~de vos~~ a fim de vos expôr directamente as nossas intenções, o que não deve ter ficado bem explícita nas nossas cartas. Achamos que é muito melhor falar convosco pessoalmente porque assim conhecer-nos-emos e trocaremos impressões com maior clareza e precisão. Resolvemos adiar a nossa ida para os países que escolhemos para continuar-~~mos~~ os estudos porque estamos interessados em discutir pessoalmente convosco esse assunto e a colaboração que podemos dar ao PAIGC. Queremos que fique bem assente que se as ~~nossas colaboração~~ necessidades do momento tornarem imperiosa a suspensão dos nossos estudos, estamos dispostos a fazê-lo.
Queremos deixar aqui expressas as palavras do nosso camarada Lopes da Silva que traduzem muito bem o nosso pensamento: "Ao tentar a fuga de Portugal estava animado do firme propósito de colaborar activamente na luta pela libertação do meu país, se bem que então, como hoje, não tivesse ideia bem clara no respeitante à forma da minha participação. Quero neste momento chamar a vossa atenção que de Paris escrevi e insisti neste sentido. Dado o atrazo da resposta, eu e o meu camarada Verona Pires vimo-nos constrangidos a inscrevermo-nos nos pedidos de bolsa, tendo ambos optado pela carreira que nos pareceu melhor servir Guiné e Cabo

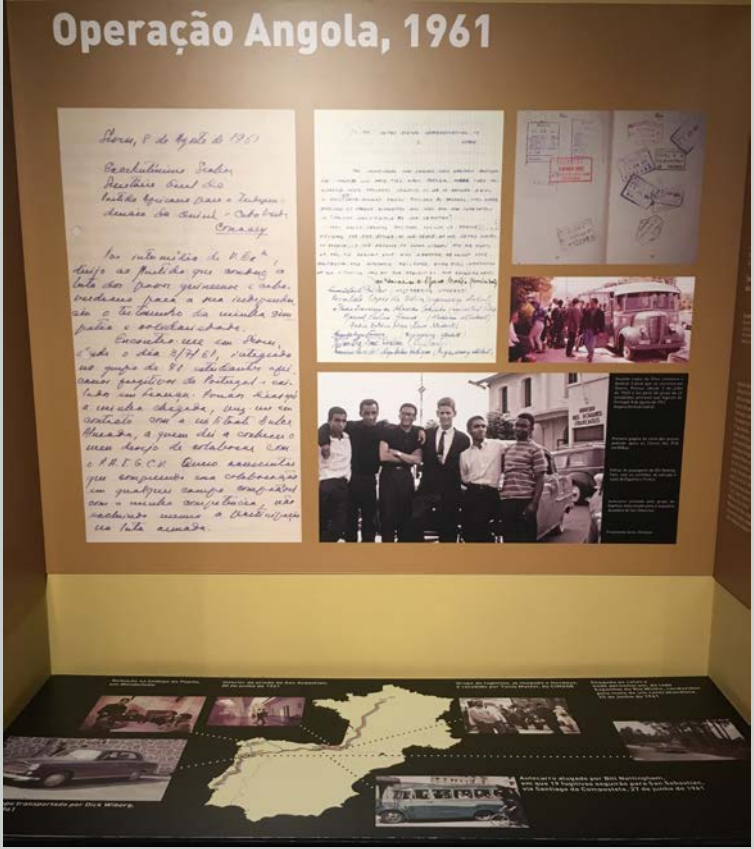
A 2 de julho chegam a França, às instalações da CIMADE em Sèvres.
De França uns seguirão para a Suíça, outros para a Alemanha. Muitos rumam ao Gana, juntando-se aos vários movimentos de libertação, com os seus caminhos divergindo a partir daqui.

Abandonando os estudos, deixando para trás a estabilidade e a possibilidade de concluir a formação académica, alguns dos fugitivos viriam a ser presidentes da República, primeiros-ministros ou ministros.

Estudantes participantes na fuga.

Entre eles contam-se futuros dirigentes angolanos (Iko Carreira, Fernando França Van Dunem), moçambicanos (Joaquim Chissano, Pascoal Mocumbi) e cabo-verdianos (Pedro Pires).

A saída de Portugal de cerca de cem estudantes em 1961 foi um marco da luta anticolonial. De armas na mão ou pela via política, contribuiriam para o derrube do colonialismo e a independência das suas nações.



O Museu do Aljube tem, na sua exposição permanente, um espaço dedicado à Fuga dos 60 estudantes em junho de 1961. É possível consultar no Centro de Documentação o depoimento de um dos participantes, o angolano António Pinto dos Santos.

Operação Angola, 1961. Luta Anticolonial, 3º Piso do Museu do Aljube.

Saídas legais anteriores para Genebra
Desidério Costa, Angola
Domingos Calvino, Angola
José Carlos Horta, Moçambique
Luís J. de Almeida, Angola
Luísa Gaspar, Angola
Sílvio Almeida, Angola

Saídas legais com apoio em França da CIMADE
Amélia Araújo (e Teresinha), Angola
Ana Maria Videira, Portugal
Ângela Viana, Moçambique
Bento Ribeiro ("Cabulo"), Angola
Gentil Viana, Angola
Luís Alves Monteiro (Tiko), Angola
Manuel Videira, Angola
Mário Alberto Assis, Angola
Rui de Carvalho, Angola
Rui Voss Filomeno de Sá ("Dibala"), Angola
Salvador Ribeiro, Angola

SAÍDAS CLANDESTINAS COM APOIO DA CIMADE (OPERAÇÃO ANGOLA)

Grupo dos 19
Passam a fronteira luso-espanhola a 16 de junho e a 20 de junho a fronteira Irún-Hendaia, seguindo para Paris e, depois, para a Suíça com a CIMADE.
António Manuel
António Pinto dos Santos, Angola
António Rebelo Macedo ("Certas"), Angola
Eurico Wilson, Angola
Fernando Guilherme Van-Dunem, Angola
Fernando Octávio, Angola
Filipe Amado Romano Junior, Angola
Augusto Idalina Bamba, Angola
Jerónimo Gaspar Almeida, Angola
Jerónimo Wanga, Angola
Joaquim Mateus Neto
Job de Carvalho, Angola
Jorge Valentim, Angola
José Ferreira ("Zeca"), Angola
Maria do Nascimento Amorim Morais ("Ia"), S. Tomé e Príncipe
Martins Vaz, Guiné-Bissau
Mateus da Silva, Angola
Silvestre Lopes, ("Cavacas") Angola
Vítor Afonso, Angola

Grupo dos 41
Passam em três grupos a fronteira luso-espanhola entre 23 de junho e 28 de junho, entram em França a 2 de julho. Em Paris, dividem-se, seguindo um grupo para a Suíça e o outro, clandestinamente, para Bona, Alemanha, de onde viajarão para Acra (Gana).
Ana Francisco Simião Fonseca, Moçambique
António Africano Neto, Angola
Armindo Augusto Fortes, Angola
Augusto Lopes Teixeira ("Tuto"), Angola
Augusto Wilson, Angola
Carlos Pestana Heineken ("Katiana"), Angola

Carlos dos Santos Rubio, Angola
Elisa Silva Andrade Pestana, Cabo Verde
Rodrigues Fernando Chaves, Angola
Fernando de França Van-Dunem, Angola
Fernando de Castro Paiva Júnior, Angola
Francisco Belém Rodrigues, Angola
Henrique de Carvalho Santos ("Onambwa"), Angola
Henrique Teles Carreira ("Iko"), Angola
Isabel Voss Filomeno de Sá, Angola
João Jamisse Nhambu, Moçambique
João Baptista Vieira Lopes ("Bavil"), Angola
Joaquim Alberto Chissano, Moçambique
Jorge de Andrade Hurst, Angola
José Araújo, Cabo Verde
José Carlos Antonete ("Tony Aujoca Bi"), Angola
José João Liahuca, Angola
José Lima de Azevedo, Angola
Manuel Pedro Gomes, Angola
Manuel Rodrigues Boal ("Tchaina"), Angola
Margarida da Conceição Van-Dunem, Angola
Maria da Luz de Andrade Boal ("Lilica"), Cabo Verde
Maria Ilda Teles Carreira ("Baiana"), Angola
Maria Virgínia Amorim Liahuca ("Gina"), S. Tomé
(e Nendela)
Mário Alberto Clington, Angola
Mimosa Custódia Rodrigues, Angola
Osvaldo Lopes da Silva, Cabo Verde
Pascoal Manuel Mocumbi, Moçambique
Pedro António Filipe, Angola
Pedro de Almeida Sobrinho, Angola
Pedro de Verona Pires, Cabo Verde
Ruben Chitacumbi Sanjovo, Angola
Teresa de Jesus Pedro Gomes, Angola
António Tomás Medeiros, S. Tomé
Virgínia Vieira Lopes ("Gina"), Angola (e Djoni)
Zacarias Cardoso, Angola

Condutores CIMADE
Em Portugal:
Jacques Beaumont e Charles Roy Harper
Em Espanha:
Bill Nottingham, Kim Jones, Dave Pomeroy
e Dick Wiborg

Saídas posteriores (de barco, para Marrocos)
Daniel Chipenda
Eva Carvalho Chipenda
Germano Araújo

Imagens e documentos:
Arquivo Nacional da Torre do Tombo;
Arquivo Fundação Mário Soares;
Charles R. Harper, William J. Nottingham, *Escape from Portugal: the church in action : The secret flight of 60 African students to France*, St. Louis, Missouri : Lucas Park Books, 2015.